



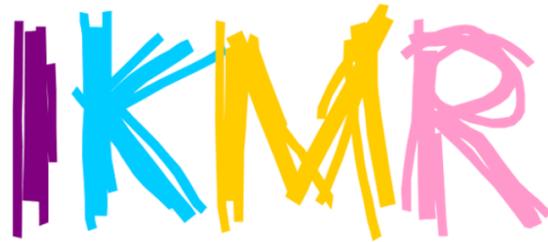
LEGADO DA FUGA

EDUCAÇÃO E REFÚGIO
NO BRASIL

Sobre este relatório

Este relatório conta a história de algumas das milhares de crianças em situação de refúgio no Brasil, que são atendidas pela organização não-governamental Eu Conheço Meus Direitos/I Know My Rights (IKMR) na cidade de São Paulo e região metropolitana. Essas crianças estão em idade escolar e participam do Projeto de Educação Complementar com Orientação Educacional Multidisciplinar **“Cidadãs do Mundo”**, implementado em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). O relatório retrata também o contexto escolar no qual as crianças estão inseridas e os desafios relativos ao trabalho desenvolvido. As informações sobre a educação das crianças refugiadas e solicitantes de refúgio foram retiradas do banco de dados da IKMR e são referentes a 2016, 2017 e 2018.





Aut Viam Inveniam Aut Faciam
Ou encontramos um Caminho ou abrimos Um

Conteúdo

Introdução	4
Cenário nacional	6
Cidadãs do Mundo	7
Nós somos todo mundo	14
O lado do outro	24
A face da mudança	32
Não me pare agora	45
Deixe a verdade doer	49
Envolva-se	51



Introdução

Atualmente, existem 25.4 milhões de refugiados no mundo, dos quais 19.9 milhões protegidos sob o mandato do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2018). As crianças, que representam a metade dos refugiados de todo o mundo, continuam carregando um fardo desproporcional de sofrimento, principalmente devido à sua elevada vulnerabilidade.

Entre os riscos de proteção específicos à população infantil em situação de refúgio, destaca-se a falta de acesso à educação. A qualidade da educação está associada à proteção, possibilitando retornos sociais a longo prazo, enquanto baixos níveis de acesso estão vinculados ao aumento do risco de violência e conflito.

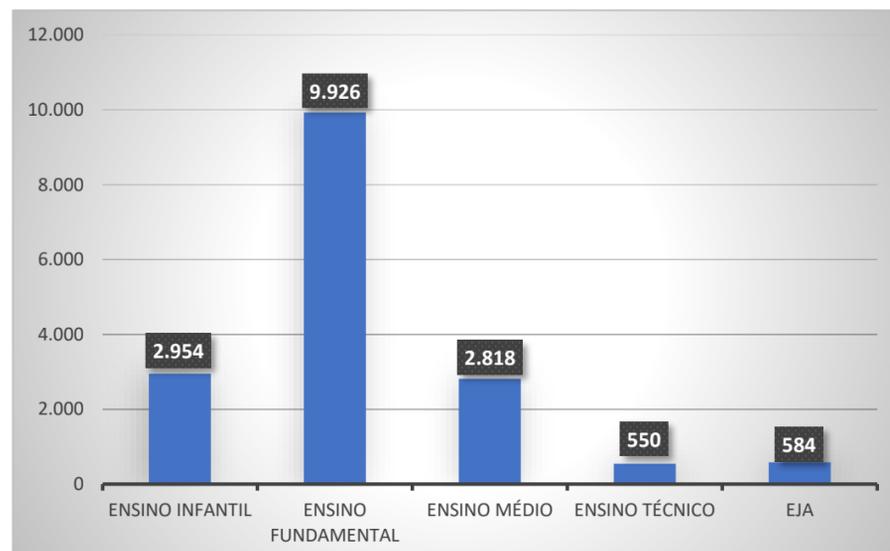
Esta preocupação se confirma pelo fato de que, das 7.4 milhões de crianças refugiadas em idade escolar primária e secundária, 4 milhões estão fora da escola (ACNUR, 2018). Sendo assim, o ACNUR constatou que crianças e adolescentes refugiados possuem 5 vezes mais chances de estar afastados da escola do que aqueles que não se encontram nesta situação de deslocamento forçado (ACNUR, 2018).

Neste contexto, o Brasil não apenas tem se destacado na América Latina como um importante país de trânsito e de destino, reconhecendo 10.145 refugiados e abrigando 86.007 solicitantes de refúgio (CONARE, 2018), e milhares de crianças refugiadas e solicitantes de refúgio entre 5 e 12 anos nestas condições, como também possui uma política de acesso universal, gratuito e obrigatório à educação primária e secundária de grande destaque. O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - (Lei 8.069/1990) garante direitos para todas as crianças (pessoas com até 12 anos) e adolescentes (pessoas entre 12 e 18 anos) no país, inclusive aqueles em situação de migração forçada. Contudo, persistem desigualdades no acesso efetivo à educação,

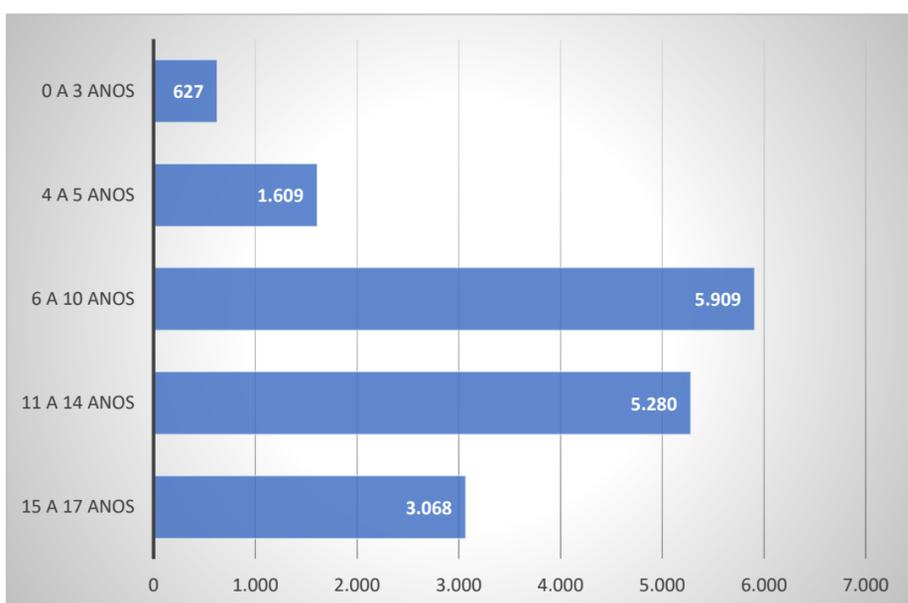
relacionadas, sobretudo à desigualdade socioeconômica, pertencimento a determinados grupos socioculturais, gênero e idade. É possível afirmar, portanto, que a universalização da educação não implica automaticamente em um acesso efetivo e de qualidade, tal como constatado em estudos anteriores (Torres et al, 2008). Identificando este desafio, com o apoio do ACNUR, a IKMR oferece desde 2016 um acompanhamento pedagógico através do projeto de Educação Complementar com Orientação Educacional Multidisciplinar: **Cidadãos do Mundo**, para crianças entre 05 e 12 anos de idade. Durante os dois anos e meio de implementação deste projeto foi possível constatar e aprofundar o conhecimento sobre os fatores estimulantes da permanência na escola e melhor aproveitamento da educação, bem como desafios e lacunas potencialmente comprometedoras do acesso à educação e do seu efeito protetor sobre a integridade e integração da criança em situação de refúgio.

Cenário nacional

O Censo Escolar de 2017 registrou 37.432 imigrantes estrangeiros matriculados na Educação Básica no Estado de São Paulo, dentre os quais 18.243 estão matriculados na cidade de São Paulo. Do total, 51% são meninos e 49% são meninas.



Imigrantes internacionais matriculados na Educação Básica por etapa de ensino, São Paulo - 2017



Imigrantes internacionais matriculados na Educação Básica por faixa etária, São Paulo - 2017

A maior parte dos imigrantes estrangeiros matriculados na Educação Básica no município de São Paulo tem entre 6 e 14 anos e está matriculada no Ensino Fundamental, seguido por Ensino Infantil e Ensino Médio. Em relação ao tipo de escola, 62% estão matriculados na rede pública e 38% na rede privada.

Neste contexto, a IKMR atende a mais de 500 crianças refugiadas e solicitantes de refúgio em São Paulo e região metropolitana, provenientes de 17 nacionalidades distintas. O projeto Cidadãos do Mundo, por sua vez, atende 124 crianças entre 6 e 12 anos, matriculadas, em sua maioria, em escolas públicas da rede estadual e municipal de educação na capital paulista.

Cidadãs do Mundo

A garantia do direito à educação de crianças refugiadas tem sido um dos principais desafios encontrados mundialmente.

Contudo, no Brasil, este acesso é considerado um direito universal, obrigatório e gratuito. Todas as crianças acompanhadas pela IKMR frequentam a escola no Brasil.

Entretanto, o ingresso ao sistema educacional por si só não garante que este direito à educação seja efetivo, uma vez que depende do entorno escolar, da formação docente, das experiências prévias e durante o ciclo do deslocamento forçado, e, por fim, da integração social, cultural e linguística.

Com o objetivo de contribuir no marco integral de soluções duradouras para refugiados, a IKMR criou, em parceria com a Agência da ONU para Refugiados,

o projeto de Educação Complementar com Orientação Educacional Multidisciplinar **Cidadãs do Mundo**. O projeto busca incidir sobre o conjunto de estressores associados à etapa pós-deslocamento forçado, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento integral, à expressão lúdica e à aprendizagem, diferenciando a competência da aquisição idiomática para a comunicação cotidiana (aprender outro idioma) da competência cognitivo-linguística (aprender em outro idioma). Através do acompanhamento escolar de crianças em situação de refúgio na cidade de São Paulo e região metropolitana, o projeto oferece atendimento em 03 modalidades



(tutoria, monitoria e assessoria escolar), promove atividades de integração e desenvolvimento em parceria com projetos existentes na comunidade, nas escolas onde as crianças estão inseridas e também em escolas que fomentam iniciativas de conscientização sobre o refúgio entre seus alunos e corpo docente. Além disso, o projeto atua em parceria com a rede de atenção e proteção à população infantil migrante e refugiada e propicia o fortalecimento sociocomunitário entre as famílias assistidas.

Desde 2016, ano em que foi criado, até o primeiro semestre de 2018, um total acumulado de 340 crianças receberam, semanalmente, 393 atendimentos mensais com auxílio pedagógico personalizado através de tutorias e monitorias de acompanhamento escolar a fim de melhorar o desempenho acadêmico, e/ou assessoria para facilitar o acesso aos serviços básicos. Nestes 2 anos e meio de trabalho, a equipe realizou mais de 5.000 visitas a casas e espaços comunitários frequentados pelas crianças e seus familiares.

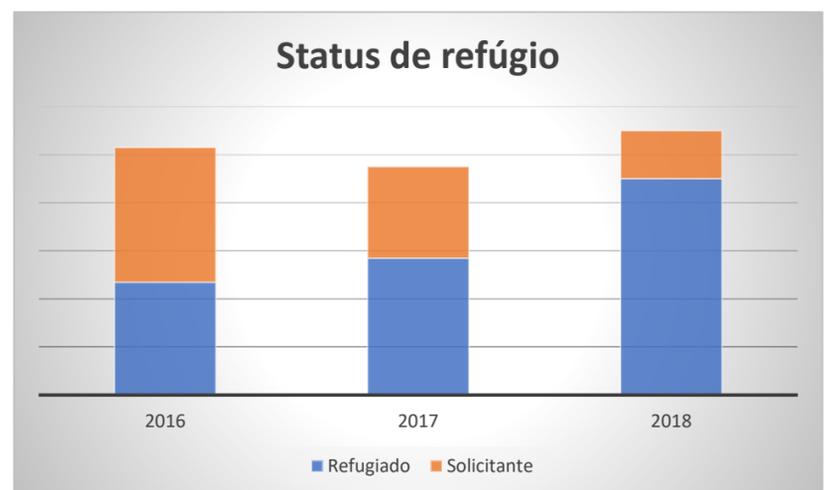


@IKMR/Marília Calegari



Perfil das crianças atendidas

Em 2016, 46% das crianças atendidas eram refugiadas e 54% solicitantes de refúgio. No ano seguinte, a participação de crianças refugiadas subiu para 60%, enquanto 40% eram solicitantes. No primeiro semestre de 2018, as crianças refugiadas representavam 92% e as solicitantes de refúgio 8%.



A maior parte das crianças chegou ao Brasil nos últimos três anos, sendo 2015 o principal ano de chegada. A grande maioria dessas crianças chegou por deslocamento aéreo, e algumas por via terrestre ou navio.

País de origem das crianças atendidas

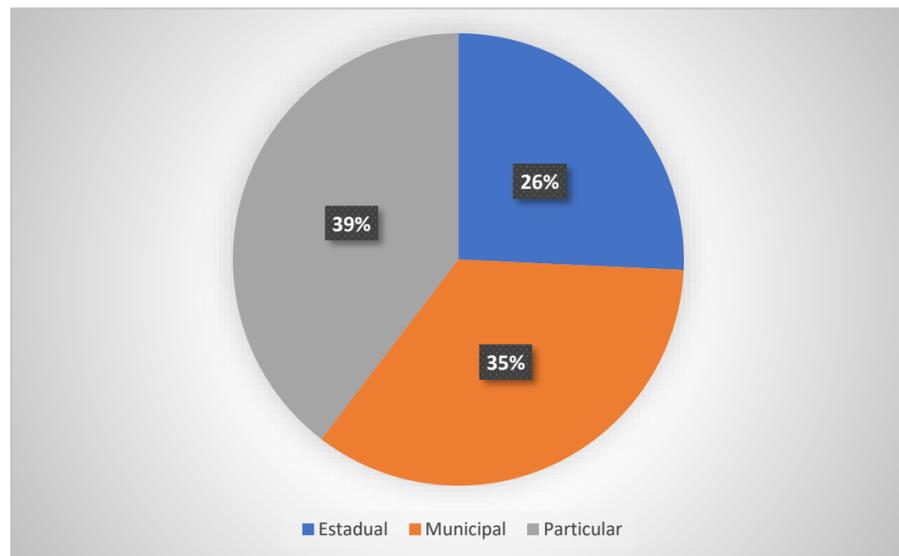
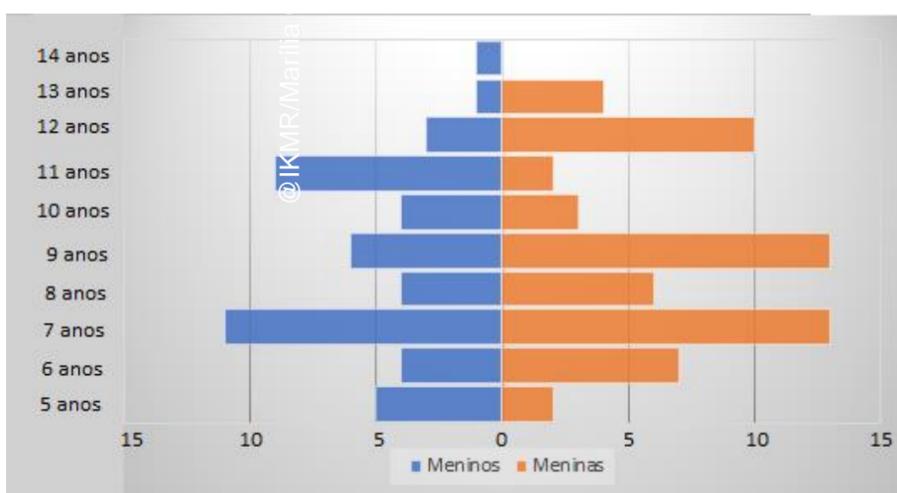


O Cidadãs do Mundo já atendeu crianças de 17 nacionalidades diferentes. Os países de origem são: Afeganistão, Angola, Catar, Colômbia, Egito, Emirados Árabes, Iêmen, Irã, Líbano, Líbia, Marrocos, Palestina, Paquistão, República Democrática do Congo, Síria, Sudão do Sul e Turquia.



As línguas nativas dessas crianças são: árabe, espanhol, francês, kikongo, lingala, persa e urdu. As crianças pertencem a grupos étnico-religiosos diversos, incluindo: católico apostólico ortodoxo, católico apostólico romano, cristão, druso e sunita.

Aproximadamente 60% das crianças atendidas frequentam escolas públicas, e, 40%, escolas particulares.

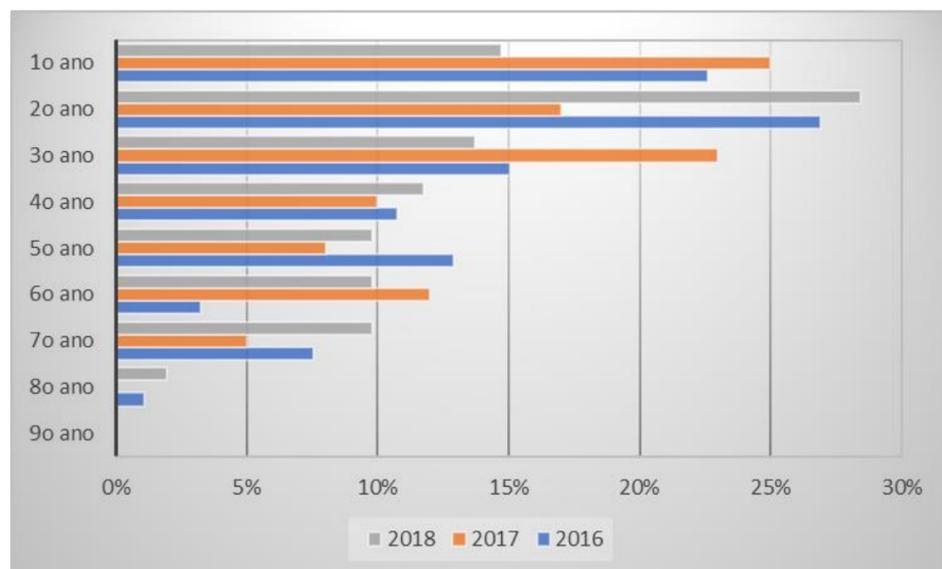


Tipo de escola das crianças atendidas, 2018

Crianças atendidas por sexo e idade, 2018

A maior parte das crianças está no Ensino Fundamental I, principalmente nos primeiros anos.

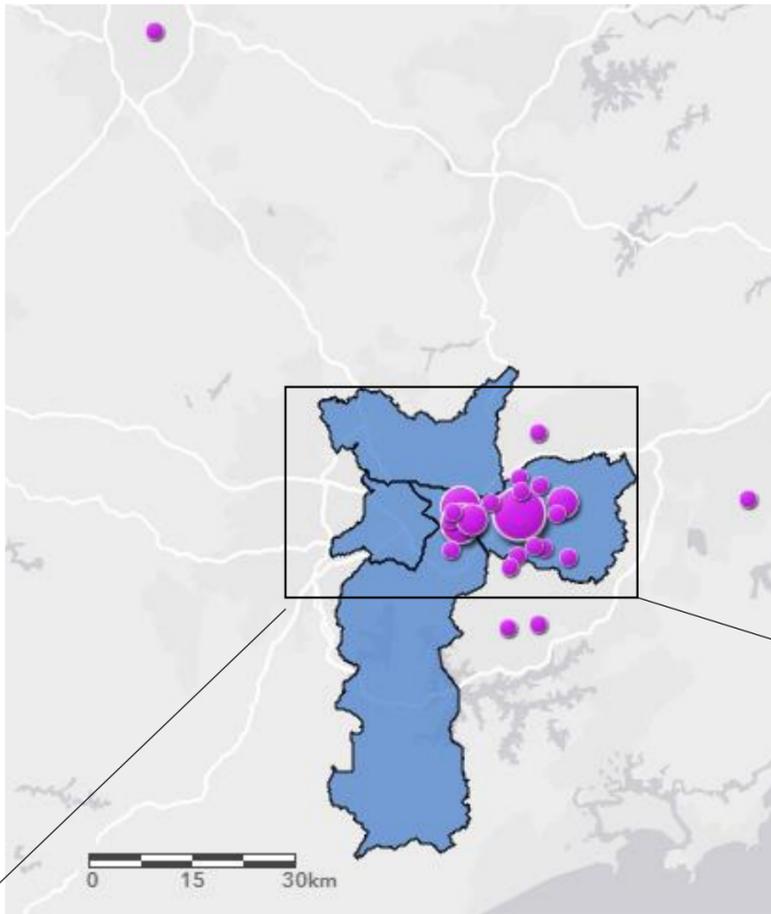
Em 2018, 55% das crianças atendidas no projeto eram meninas e 45% meninos, com uma média etária de 9 anos.



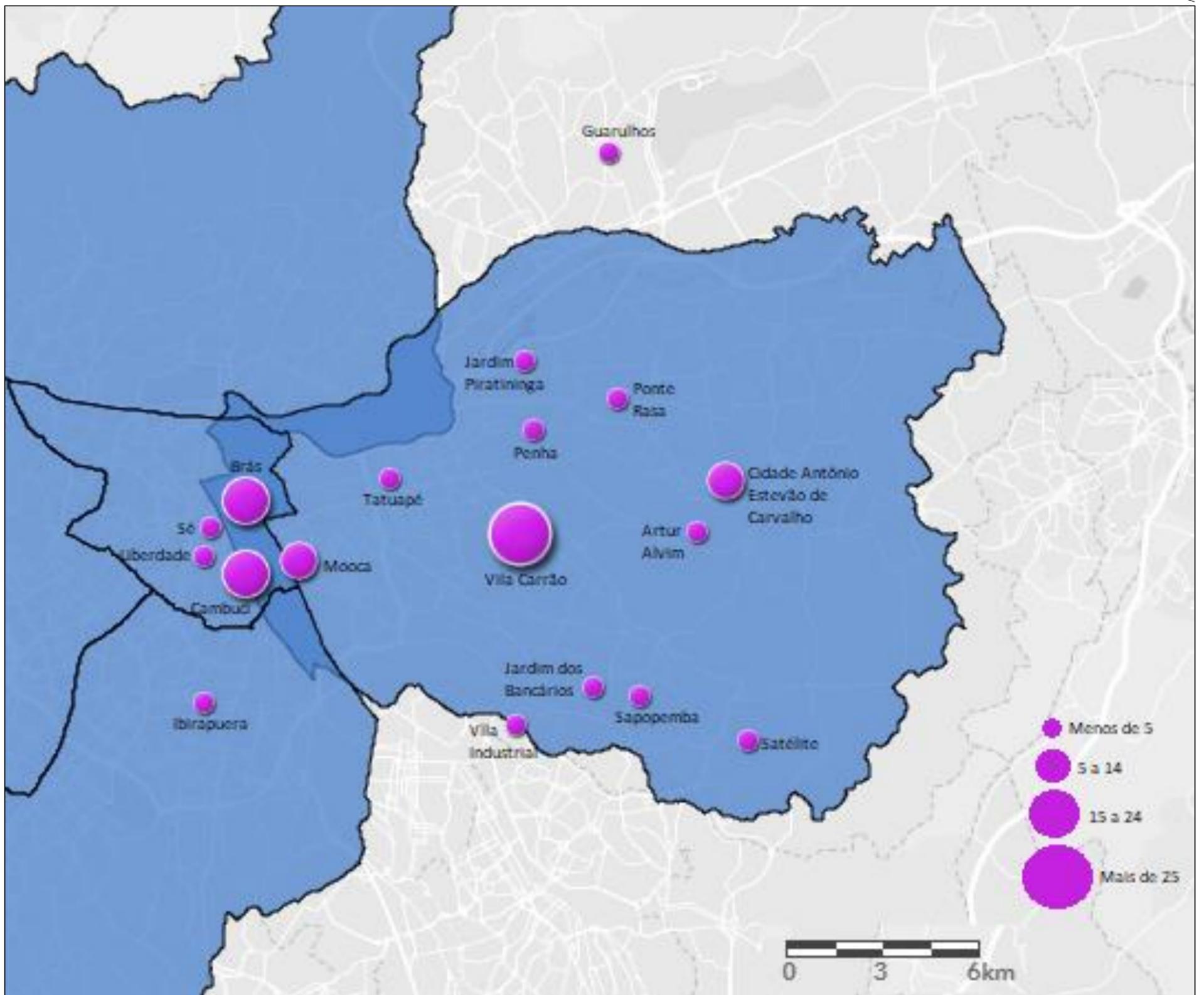
Ano frequentado pelas crianças atendidas, 2016 a 2018



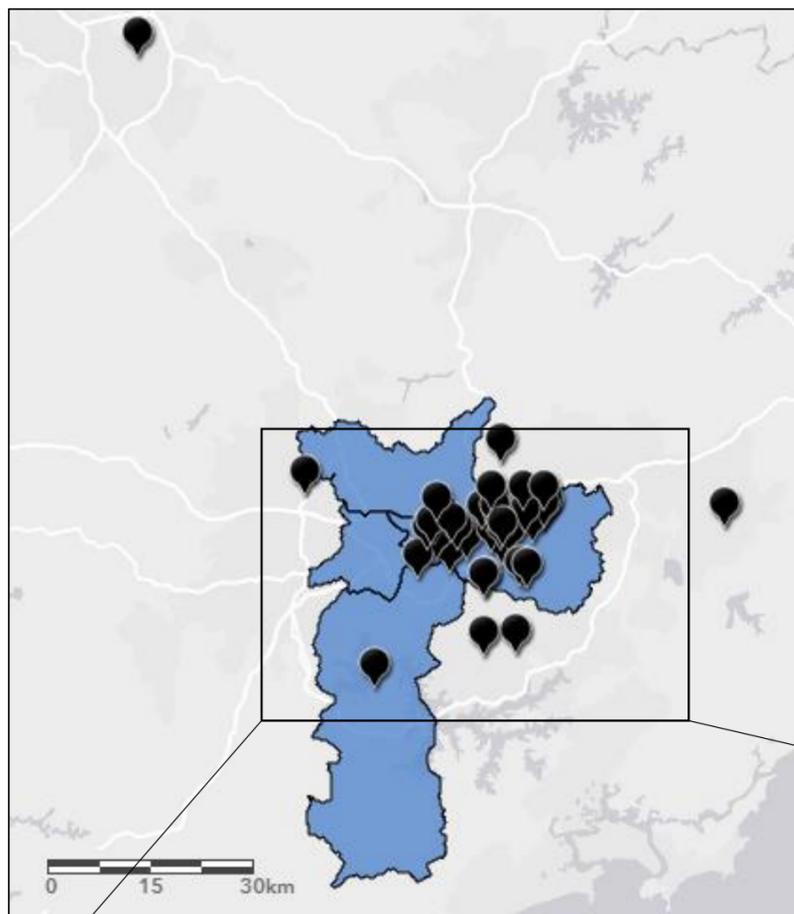
A média de espera para conseguir uma vaga na escola varia de 7 a 30 dias, sendo a espera mais longa para os alunos do Ensino Fundamental II.



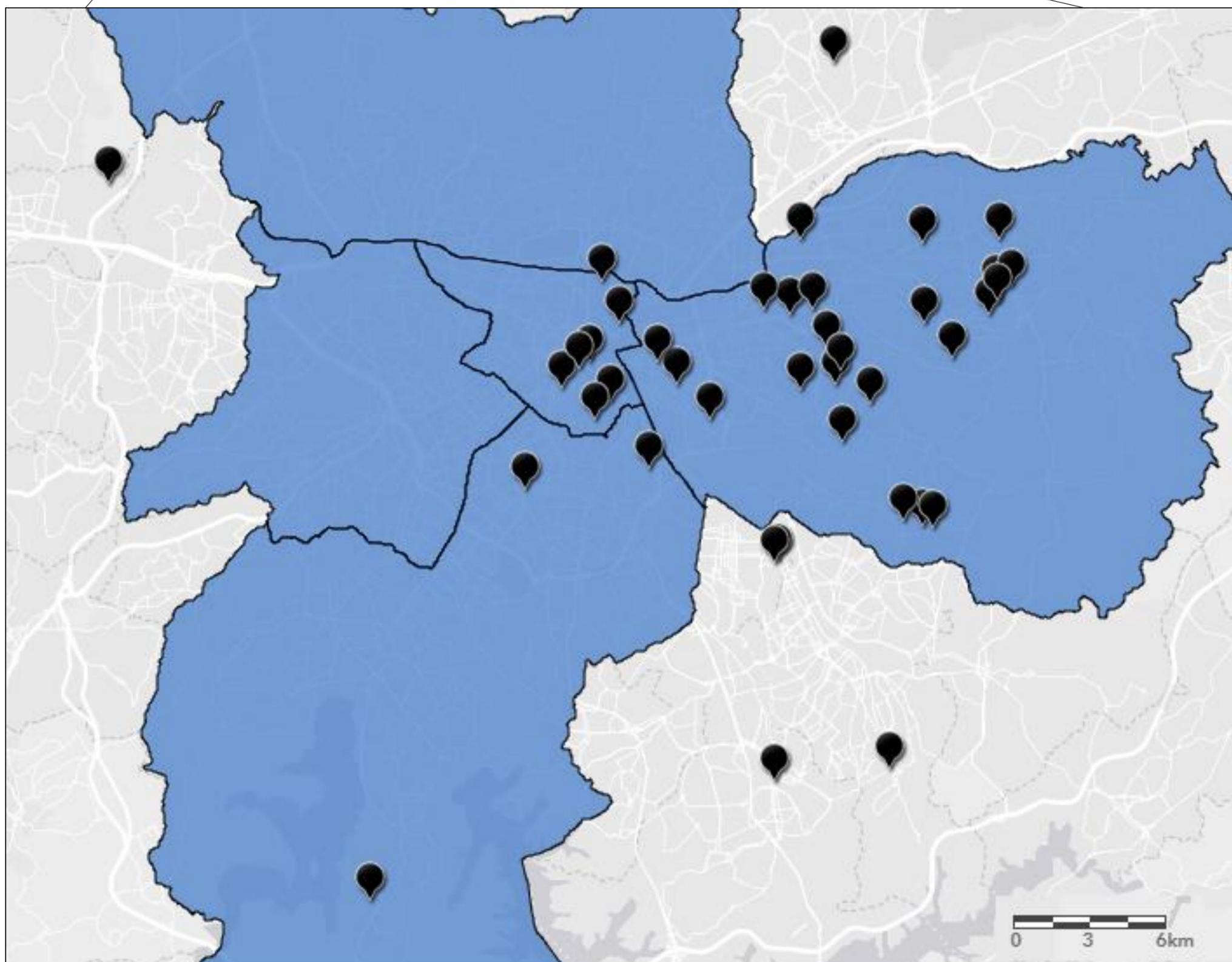
Os alunos atendidos pelo Cidadãs do Mundo vivem nas regiões norte, central, sul e, predominantemente, na região Leste da capital paulista. Os principais bairros de residência são: Vila Carrão, Cambuci, Brás, Mooca e Cidade Antônio Estevão de Carvalho. Quanto a cidades de moradia no interior de São Paulo, destacam-se: Campinas, Guarulhos, Mogi das Cruzes, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.



Bairro de residência das crianças atendidas, 2018



As escolas frequentadas pelas crianças do projeto estão, principalmente, na região Central e Leste da Cidade de São Paulo, totalizando 42 escolas.



Escolas das crianças atendidas, 2018



CAPÍTULO 1

NÓS SOMOS TODO MUNDO

@IKMR/Marília Calegari

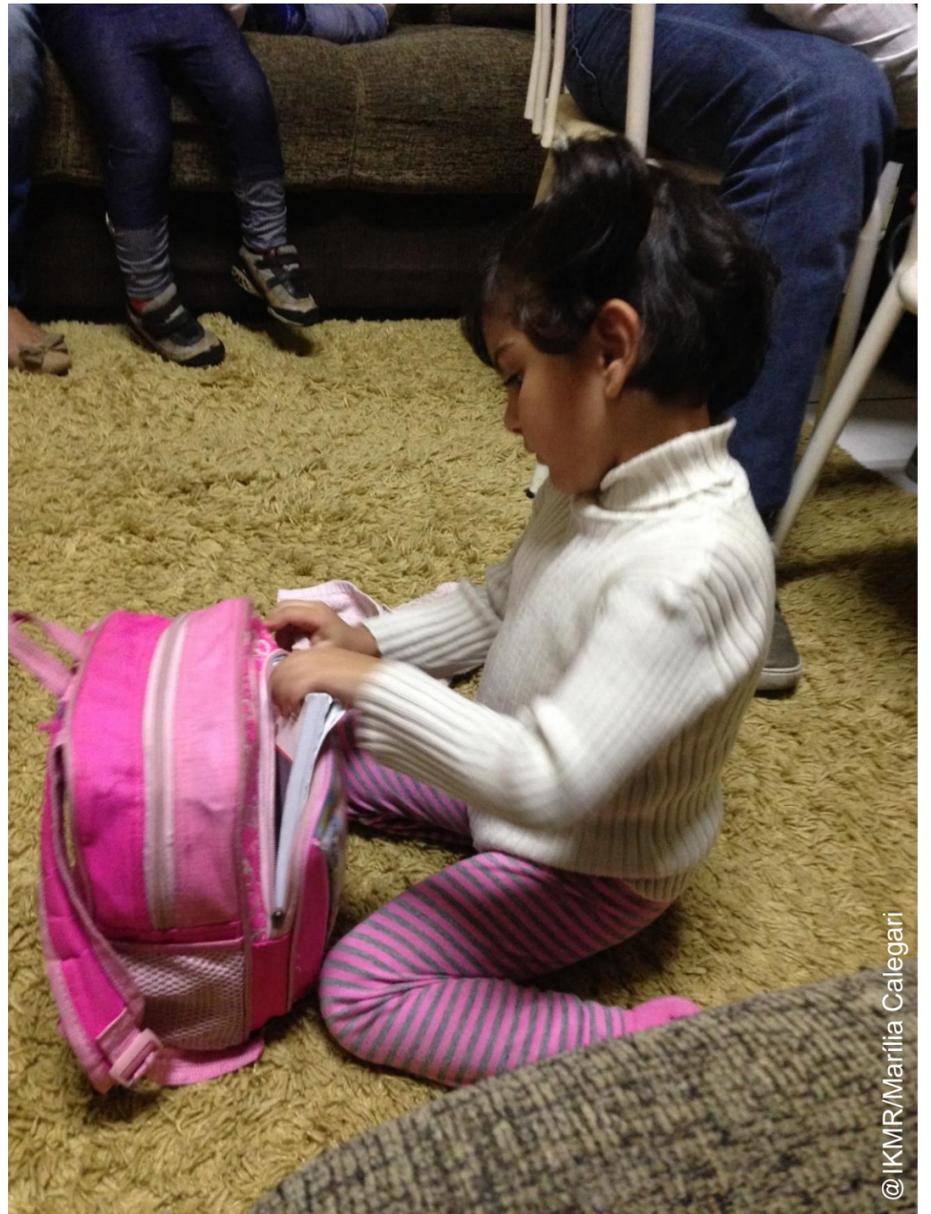
O contato periódico da equipe pedagógica com as famílias permitiu uma aproximação diferenciada e, na medida em que o vínculo entre tutor-criança-pais se fortalecia, foram implementadas ações importantes de escuta, encaminhamento de demandas de assistência social e assistência básica, mediação com a escola e demais instituições, além da contribuição ao mapeamento e diagnóstico das principais demandas e necessidades desde um ponto de vista integral.

A partir das supervisões e reuniões de equipe, foi possível determinar encaminhamentos diversos e, quando necessário, localizar e acionar consultores particulares e institucionais competentes, contribuindo consideravelmente para o incremento da rede de apoio às crianças e às famílias. A modo de fortalecer a participação das famílias, a maior parte dos documentos de matrícula e uma breve descrição

do projeto, assim como o seu funcionamento (atividades, frequência necessária, dados de contato, utilização de registros audiovisuais, contato com a escola e autorização de participação) foram traduzidos para os idiomas árabe e francês. Ambos foram apresentados detalhadamente nas reuniões de pais realizadas periodicamente e nos encontros individuais com cada família.

Muitas das reuniões de pais e mães foram realizadas em sistema de rodízio entre os domicílios das diversas famílias. 100% dos participantes das reuniões eram mães.

Um dos objetivos secundários do projeto era contribuir ao empoderamento das mulheres integrantes dos núcleos familiares através da participação de atividades grupais direcionadas à integração e à construção de uma rede de solidariedade parental/maternal e profissional. Já no primeiro ano do projeto, algumas mães solicitaram auxílio na revisão de currículos e compartilhamento de oportunidades de inserção laboral e desenvolvimento profissional. Além disso, várias mães têm solicitado auxílio e são acompanhadas na resolução de questões cotidianas associadas à educação e demais direitos dos filhos e delas próprias.



Mães não fluentes no idioma português têm participado das tutorias como forma de apoio à aprendizagem do idioma e à integração. Entende-se que esta participação, quando mediada pela educadora responsável por manter o foco nas necessidades da criança, promove o fortalecimento de vínculos e um incremento da independência da criança que, de outra forma, costuma atuar como intérprete de pais que não dominam o português.

Uma vez que grande parte das crianças atendidas não possuíam o português como língua materna, foi necessário construir uma abordagem específica que combinasse a atenção às demandas acadêmicas atuais com a aprendizagem e reforço do domínio do português.

Optou-se por uma abordagem contextualizada, partindo da observação que o vocabulário utilizado na escola durante a alfabetização supõe um contato amplo com a oralidade da cultura brasileira. Em outras palavras, muitas das crianças atendidas em processo de alfabetização ou já alfabetizadas possuíam um vocabulário escrito limitado ao contexto escolar (objetos e ações presentes na escola) que, somado à ausência de um hábito de leitura e de um ambiente familiar linguisticamente diferenciado, demandam estratégias paralelas para a aquisição de uma competência cognitivo linguística que permita o acompanhamento dos conteúdos em sala de aula.

Deste modo, sempre que identificada a necessidade, as crianças eram atendidas, na medida do possível, em grupos de irmãos ou

vizinhos, buscando promover através de leituras, jogos e exercícios as habilidades de leitura, escrita, escuta e pronúncia, bem como os conhecimentos sobre regras gramaticais e sobre os contextos culturais nos quais estas práticas se inscrevem. Desta forma, foram atendidas crianças com diferentes níveis de aquisição do português, incluindo aquelas com nenhum conhecimento, com as quais se trabalhou sobretudo com livros-imagem e jogos tradicionais do país de origem e do Brasil. Finalmente, seguindo o indicado na literatura científica, optou-se pela valorização do idioma de origem de cada criança, incluindo a utilização do mesmo em diversos momentos das atividades de acompanhamento, estabelecendo assim uma relação de mão-dupla no processo de aprendizagem.

Foi observado que a valorização do idioma de origem e que a postura de aprendiz do professor motiva a criança a arriscar-se com a utilização do novo idioma e a estabelecer comparações e trocas que são próprias do processo de aprendizagem de uma segunda língua.

A função do educador foi, portanto, apresentar o novo idioma, motivar o aluno em sua utilização concreta e simbólica, promover um entorno amigável estimulando o enriquecimento do vocabulário e da gramática na segunda língua e a prevenção e correção de possíveis fossilizações no uso de determinadas palavras e formações gramaticais. A participação das famílias foi essencial durante todo o desenvolvimento e aplicação do projeto. A equipe esteve amplamente à disposição das famílias para acolher preocupações a respeito da integração das crianças e seu entorno mais próximo, realizando encaminhamentos para serviços locais de acompanhamento e assistência diversos. As principais demandas neste quesito foram por informações sobre espaços alternativos de cuidado e integração, tais como centros sociais, culturais e atividades de férias; apoio no contato com a escola devido a situações específicas de preconceito, discriminação e violência; ajuda na tramitação de benefícios relacionados à educação tais como o cartão de transporte escolar; ajuda na realização de matrícula e conferência de desempenho acadêmico online. As práticas de disciplinamento e o grau

de exigência das escolas e professores foram os temas mais controversos na análise dos pais, sendo que alguns consideravam que a escola é positiva por não empregar violência verbal e física e outros acreditavam que a escola deveria ser mais rígida. Entretanto, em 2018, 81% dos pais se encontravam satisfeitos ou muito satisfeitos com a escola onde os filhos estudam, especialmente com o ensino, os professores, o apoio à integração, o combate ao preconceito, o fornecimento de uniformes, a alimentação, a gratuidade do ensino e, em alguns casos, a preservação da cultura de origem. Oito pais estavam nada ou pouco satisfeitos com a escola, sobretudo com diferenças culturais, existência de preconceito, problemas de gestão, distância, acesso ao transporte, ausência de apoio com uniforme e alimentação, alguns custos adicionais e a mensalidade, no caso das privadas. Entre estes problemas, os pais destacaram dificuldades relacionadas a necessidades especiais cognitivas e sensorio motoras, dificuldades de alfabetização, na escrita e fala do português e dificuldades generalizadas.

ESTUDO DE CASO
AQUELES QUE
NÃO SE RENDEM

Hawla¹, 15 anos, saiu da República Democrática do Congo e chegou ao Brasil em 2014. A jovem hoje relembra as dificuldades que passou enquanto vivia no país de origem:

“Às vezes os professores ensinavam e eu não conseguia assimilar nada porque estava com muita fome.”

Ela conta que além de muitas vezes não ter o que comer, ela também não tinha dinheiro para pagar a escola e os materiais escolares.

“Quando os alunos não conseguem fazer o dever, os professores na África batem e eu apanhava muito porque às vezes eu não tinha o livro para fazer os deveres que os professores mandavam.”

Enquanto ainda estava na República Democrática do Congo, a mãe de Hawla desapareceu e ela já não

conseguia mais se concentrar nos estudos. A família conseguiu se reunir e vieram para o Brasil. A realidade da jovem mudou muito desde então, e, hoje, ela comemora o novo cenário.

Hawla diz que os amigos e professores brasileiros têm curiosidade sobre a África, sua história e sua cultura.

“Meus amigos sempre perguntam se eu preciso de ajuda e os professores sempre foram muito pacientes comigo. Quando eu errava um exercício ou não conseguia fazer, os professores falavam que eu conseguia, sim, e eram muito pacientes.”

Hawla diz que se sente muito agradecida por poder estudar sem precisar pagar a escola e por ganhar alimentação, uniforme e material escolar. Atualmente no Ensino Médio, ela afirma se dedicar muito aos estudos para algum dia se tornar uma grande médica.

¹ Nome fictício.

ESTUDO DE CASO DESFAZENDO O NÓ

Rukan ficou quase um ano sem estudar após deixar a Síria e buscar asilo na Turquia. De volta à escola, no Brasil, a menina tem esperança de um futuro melhor.

Rukan², uma menina de 12 anos, e sua família, deixaram a Síria em 2016 por conta da guerra. Enquanto vivia no exílio, Rukan e sua irmã mais nova enfrentaram desafios para ter acesso à escola e ficaram nove meses sem estudar.

“Se eu não estudo, eu não tenho futuro.”

No exílio, Rukan e sua família não saíam de dentro da casa em que estavam abrigadas, pois tinham medo. Seu pai não conseguia trabalhar e eles não conheciam as pessoas ou os lugares.

Rukan disse que sentia muita falta de estudar, pois quando vai à escola ela tem a oportunidade de conhecer coisas novas, desenvolver habilidades e fazer amigos.

No segundo semestre de 2017, a família veio para o Brasil.

Nos primeiros meses, Rukan teve muita dificuldade com as disciplinas escolares, mas, depois que aprendeu a ler e a escrever em português, ela passou a gostar mais de estudar.

“Os professores são muito bons. Eu entendo o que eles falam, eu entendo o que eles fazem. Eles ensinam muito bem.”

De acordo com a menina, a escola no Brasil é muito diferente da escola na Síria, principalmente as aulas, os horários, as roupas e as comidas.

“Eu tenho muitos amigos lá; o que eu gosto é que eles não têm preconceito comigo. Eu tenho muitos amigos, quase a escola inteira.”

Lamentavelmente, a história de Rukan se repete frequentemente entre as crianças refugiadas no mundo e nem todas têm um final feliz.

² Nome fictício.



Foto retirada do projeto "Vidas Refugiadas"

ESTUDO DE CASO
SABER É PODER

Jonathan era professora de inglês em uma escola mista na Nigéria. Em razão da ocupação de parte do país por grupos armados, a educação passou a ser proibida para meninas e muitas garotas foram sequestradas e escolas fechadas.

A professora não aceitou a situação e continuou lecionando em igrejas, o que a tornou inimiga do regime. Jonathan conseguiu sobreviver, mas outras dez professoras que trabalhavam com ela foram mortas.

Devido ao perigo iminente, Jonathan foi a primeira da família a vir para o Brasil, enquanto seu marido e seus quatro filhos continuaram no país de origem.

Ao chegar em São Paulo, a professora cuidou da sua saúde, aprendeu o novo idioma, começou a trabalhar e sonhava em reencontrar a família.

Em 2016, ela participou do projeto Vidas Refugiadas, com o apoio da IKMR, e sua história ganhou grande visibilidade. Em sua entrevista para o projeto Vidas Refugiadas, Jonathan disse:

"Quando estamos educando meninas, estamos ensinando para todas as futuras gerações que aprenderão com o seu conhecimento. (...) As crianças são o futuro de qualquer sociedade. Quanto mais educação recebem, melhores são as famílias e os países."

Na II Jornada Cidadãos do Mundo, em 2017, a IKMR homenageou a professora nigeriana e, em parceria com o projeto Vidas Refugiadas, ajudou na captação de recursos para comprar as passagens para os filhos de Jonathan virem para o Brasil.

O projeto Cidadãs do Mundo tem como meta a realização do mapeamento da inserção escolar, a integração sociocomunitária e o bem-estar dos beneficiários, com proposta de diretrizes e estratégias de promoção dos mesmos. Devido à dificuldade de deslocamento em uma cidade como São Paulo, e considerando a emigração de famílias inicialmente cadastradas no projeto nos primeiros meses de 2016, foi realizada a articulação com

instituições afins, como centros sociais, casas de acolhida e escolas, com o objetivo de concentrar o atendimento em uma mesma localização, em condições ambientais qualitativamente mais propícias ao desenvolvimento das tutorias. Além disso, foram cadastrados novos beneficiários de acordo com os requisitos do projeto. A promoção do desenvolvimento e da integração é umas principais áreas de atuação do projeto.

CAPÍTULO 2

O LADO DO OUTRO



Do ponto de vista da articulação local, foram realizados contatos com instituições e serviços da comunidade para melhor compreender a dinâmica de integração das famílias e, especialmente, das crianças. Desde 2016, o projeto logrou formalizar a parceria com o Centro Social Bom Jesus de Cangaíba (CSBJC), identificando demandas comuns a ambas organizações e trabalhando no encaminhamento de necessidades socioassistenciais, na sensibilização e formação da equipe do local e na articulação do acompanhamento com vistas para a promoção do desenvolvimento e da integração das crianças atendidas. O CSBJC cedeu uma sala de aula duas vezes por semana para a educadora responsável pelo atendimento das crianças na região. Durante o período em que a educadora frequentava o centro, a mesma participou de atividades culturais e estabeleceu uma comunicação fluida com os trabalhadores e beneficiários do local, sendo referência para temas que tangem ao refúgio e à integração cultural. Uma das propostas era atuar na prevenção e combate a diferentes formas de preconceito e

discriminação, assim como na promoção dos direitos das pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio. Outras atividades realizadas com foco na integração e no desenvolvimento foram as tutorias desenvolvidas a partir da necessidade de fortalecer a leitura e a escrita. Em atendimentos individuais e grupais, foram desenvolvidas oficinas de narração e construção de histórias, considerando as particularidades de cada faixa etária e o processo individual de integração e bem-estar psicossocial. Estas oficinas, assim como aquelas que utilizaram estímulos lúdicos para a abordagem de conceitos matemáticos, construção da imagem corporal, memória, atenção, raciocínio lógico e expressão verbal, permitiram também trabalhar, indiretamente, aspectos da vida cotidiana atual e anterior ao deslocamento, consideradas vitais à integração da criança.

Muitas das crianças em situação de refúgio no Brasil não frequentam nenhuma atividade além da escola. Um importante local de inserção sociocomunitária dessas crianças são, portanto, os Centros para

Crianças e Adolescentes (CCA). Em relação ao CCA, é importante observar que se trata de espaços que não apenas contribuem ao desenvolvimento lúdico, como também garantem o acompanhamento interdisciplinar e a alimentação dos usuários. Segundo a prefeitura de São Paulo, o serviço tem por objetivo *“oferecer proteção social à criança e ao adolescente em situação de vulnerabilidade e risco, por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, bem como favorecer aquisições para a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania, mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários”*. O CCA atende a crianças e adolescentes em diversas situações de vulnerabilidade, incluindo crianças com deficiência, beneficiárias ou não do Benefício de Prestação Continuada (BPC); crianças oriundas de famílias beneficiárias de programas de transferência de renda; ou em situação de vulnerabilidade e risco. O ingresso dessas crianças ocorre mediante demanda encaminhada e/ou validada pelo CRAS (Centro de Referência de Assistência

Social) de abrangência. Um serviço de CCA, em particular, foi identificado como sendo de grande relevância para a população refugiada residente no bairro Jardim Vila Piratininga. A partir desta constatação, foi realizada uma proposta de parceria entre o projeto Cidadãos do Mundo e o CCA, permitindo não apenas transferir a realização de parte das atividades de acompanhamento para as instalações do centro, como também articular o ingresso de alunos em situação de especial vulnerabilidade nas atividades globais do CCA.



Isto só é possível devido à escolha por uma abordagem lúdica que permita a projeção e construção ativa da criança sobre os materiais, ferramentas e suportes de aprendizagem.

Essa é uma parceria que demonstrou ser muito frutífera, já que o espaço se encontra muito próximo à residência de diversas famílias beneficiárias do projeto. Além disso, algumas crianças

matriculadas no projeto Cidadãos do Mundo também estão matriculadas no Centro Social, o que possibilita um trabalho conjunto com o parceiro em relação aos alunos em comum. Em 2018, foi identificado que 9 das crianças atendidas pela IKMR também frequentam o CCA, número considerado como relativamente baixo, sendo predominante a participação de crianças de países africanos.



ESTUDO DE CASO
SOU EU TENTANDO

Desde o início do projeto Cidadãos do Mundo, alguns pais foram chamados pelas escolas para receber avaliações positivas em relação ao desempenho dos filhos.

Um dos alunos havia sido avaliado pela escola, em mais de uma ocasião e pouco antes de seu ingresso formal no projeto, como apresentando baixo desempenho escolar. Antes de fazer parte do projeto, a criança não realizava nenhuma das tarefas de casa solicitadas pela escola, passando a realizá-las quando a tutora comparecia no domicílio.

No final daquele semestre, os pais foram convocados novamente pela escola e, segundo a mãe, a professora ressaltou a melhoria no desempenho da criança. Ainda que tenha sido, aparentemente, uma pequena conquista, vale destacar ser muito significativa quando compreendida no contexto de vulnerabilidade social da família.

Em outro caso, o aluno havia sido avaliado pela escola em razão da sua dificuldade de adaptação.

Apenas um mês após seu ingresso no projeto, e tendo como foco de trabalho a integração e a inclusão da criança em relação à diferença idiomática e cultural, à vulnerabilidade social e às necessidades específicas apresentadas, a mãe recebeu da escola um retorno positivo.

Além de passar a usar materiais que suportam melhor sua aprendizagem, o aluno passou a integrar-se melhor, a realizar as tarefas por conta própria (sem que a mãe as realizasse, como antes ocorria), e com mais frequência. Segundo relata a mãe:

“Gostei muito. Queria que alguém o ajudasse na escola porque estava com muita dificuldade e eu não sabia como ajudar. Eu ficava nervosa com a situação e, quando o projeto começou, ele melhorou muito.”



“FESTA DAS NAÇÕES”

No primeiro semestre de 2018, a Graded School, uma escola particular que possui alunos de 32 países, realizou o *Celebration of the World*, um evento que celebra a diversidade dentro da comunidade escolar, incluindo uma variedade de mostras culturais e gastronômicas de todo o mundo. O Comitê do evento é responsável pela organização de sorteios, leilões, entretenimento, desfile de abertura, e coordenação da participação de diferentes países; e por iniciativa de Marina Auriemo, uma mãe que participava pela primeira vez dessa ação, foi promovida uma ação de sensibilização, trazendo para a festa a representatividade de um povo que tem sofrido com a devastação que a guerra causa em seu país: a Síria.

O grupo de mães do qual Marina fazia parte escolheu fazer uma barraca da Síria, ainda que não tivessem alunos dessa nacionalidade na escola e levar a bandeira deste país no desfile de abertura onde seus filhos caminharam ao lado de crianças e mães sírias. Marina acredita que esse tipo de ação pode despertar o poder de transformação das pessoas por meio da consciência e do conhecimento.

A idealizadora então pensou em uma forma de não só incorporar a barraca da Síria, mas também ajudar os refugiados de alguma maneira.

Assim, as onze mães integrantes de seu grupo, mobilizaram pessoas e recursos e conseguiram a doação da decoração e comidas, para que o dinheiro destinado para estes fins fossem destinados à IKMR. Mães sírias atendidas pela organização estiveram presentes, não só para servir a comida típica deste país, assim como é feito por todos os pais, como também para compartilhar histórias sobre sua cultura. Na barraca, havia um espaço para leitura e contação de histórias. Ficaram comovidas com a decoração do espaço, a escolha das especiarias e dos doces, e muito orgulhosas de poder falar de seu povo em um ambiente tão acolhedor.

De acordo com Marina, ela e as outras mães responsáveis por essa captação ficaram emocionadas, pois seus filhos participaram de todo o processo junto com elas. Essas crianças brasileiras acompanharam desde a motivação de montar a barraca até a arrecadação de leite e fraldas para doação, e, no dia da festa, tiveram a oportunidade de conviver com as crianças refugiadas. Segundo, ela: *“O mundo precisa muito dessas iniciativas e nossos filhos também precisam disso. Apesar de serem crianças, eles também podem ser solidários.”*

Crianças brasileiras e refugiadas tiveram a oportunidade de conhecer diversas culturas e o evento foi inspirador para todos.



CAPÍTULO 3

A FACE DA MUDANÇA

@IKMR/Marília Calegari

O projeto Cidadãos do Mundo busca captar as dificuldades de aprendizagem das crianças refugiadas e solicitantes de refúgio através de sondagens periódicas e do acompanhamento da evolução das tutorias através da realização de registros diários. Também foi importante o estabelecimento de vias de comunicação com professores (agenda, telefonemas, e-mails e visitas), para compreender diferenças no desempenho apresentado nas tutorias e na sala

de aula e esclarecer os critérios de avaliação de cada escola. Pontualmente, algumas crianças receberam apoio virtual com a realização das tarefas e estudo para provas. Foram casos nos quais os alunos se encontravam impossibilitados de receber tutoria devido à incompatibilidade do horário disponibilizado pelos pais, ou quando identificada a necessidade de acompanhamento com maior urgência.

Da mesma forma, segundo a necessidade de cada criança e do grupo como um todo, foram intensificadas horas de tutorias dedicadas à preparação para provas e avaliações junto aos alunos com maior dificuldade de aprendizagem e pior rendimento acadêmico. Como observado através de diversos instrumentos de monitoramento, foram encontradas 3 dificuldades de aprendizagem entre as crianças atendidas: (i) dificuldades na alfabetização potencializadas pela carência de vocabulário e ambientes interculturais amigáveis ao processo de aquisição e, muitas vezes, alfabetização em duas línguas; (ii) dificuldades resultantes na compreensão e articulação de raciocínios e respostas complexas, muitas das quais decorrentes de falências na primeira etapa de alfabetização e outras vezes própria do processo de aquisição de uma segunda língua e transição de uma competência linguística pragmática para uma competência cognitivo linguística; (iii) resultantes de problemas psicossociais de integração, funcionamento familiar e saúde, afetando as condições reais de inclusão da criança no meio acadêmico.

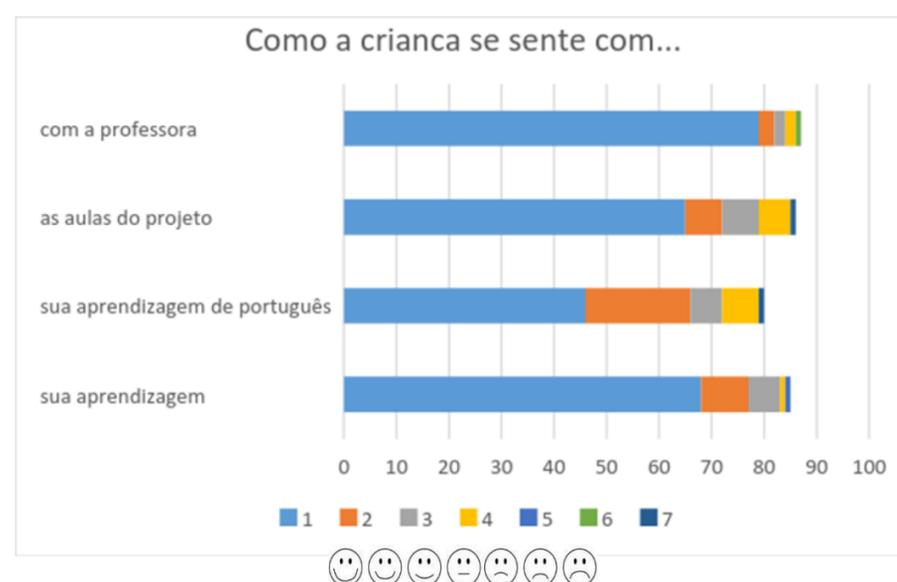
Em diversas ocasiões, especialistas do âmbito da pedagogia, psicopedagogia e psicologia foram consultados para a obtenção de orientações sobre a condução de casos que apresentavam maior complexidade, como por exemplo, a consultoria por parte da coordenação pedagógica do Instituto Padre Chico, especializada em ensino a crianças com baixa visão, ou ainda a participação de curso de formação sobre a criança com paralisia cerebral na escola, cortesia da organização Inclusão Eficiente.

Muitas das crianças atendidas não possuíam espaço adequado para a realização das tutorias, tampouco para o estudo diário, devido às condições precárias de subsistência ou ainda devido à condicionalidade do uso de espaços comuns no caso de famílias em situação de acolhimento. Este aspecto foi sanado sobretudo com a utilização de espaços públicos adequados na comunidade (centros sociais, centros culturais, etc.) ou com agrupamento de alunos de mais de uma família em uma residência.

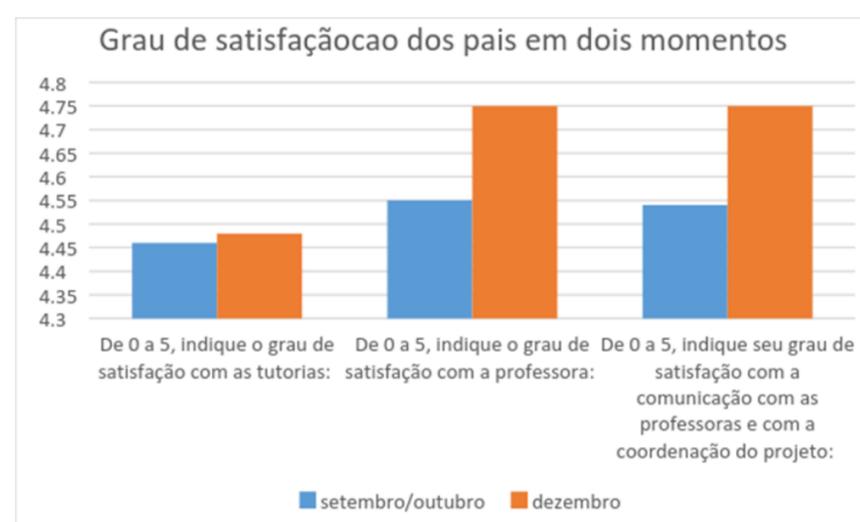
Considerando a importância epistêmica e socioafetiva da atividade lúdica na infância, o processo de matrícula buscou aprofundar o conhecimento sobre esta atividade e a utilização do tempo livre entre os alunos. No projeto piloto, em 2016, foi avaliado o tempo diário destinado às brincadeiras que, segundo os pais, foi em média de 1,8 horas para as meninas e 2 horas para os meninos. Ainda, 10 meninos e 6 meninas brincavam em seu tempo livre, sem uma estimativa clara de horas diárias.

Observamos somente entre as meninas – 8, no total – o fato de brincarem apenas no fim de semana, à noite quando chegam da escola ou quando terminam com as tarefas domésticas. O projeto Cidadãos do Mundo foi monitorado com relação ao grau de satisfação dos pais e das crianças. Para as mesmas, foi elaborada uma ficha de avaliação específica, preenchida individualmente pela criança – sempre que possível, sem a ajuda da educadora. A criança foi convidada a marcar o rosto que melhor expressava seu

sentimento em relação às aulas do projeto, em relação à educadora, à sua aprendizagem e ao seu domínio do idioma português após o ingresso no projeto. O gráfico abaixo mostra o nível de satisfação das crianças nos quatro aspectos perguntados:

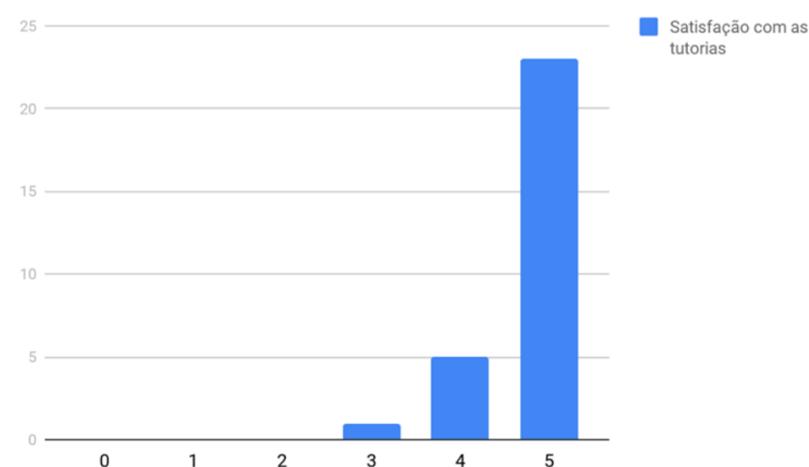


Já o gráfico a seguir compara o grau de satisfação expressado pelos pais em uma escala progressiva de 1 a 5, em diferentes momentos do ano, evidenciando um aumento da satisfação ao longo do tempo:

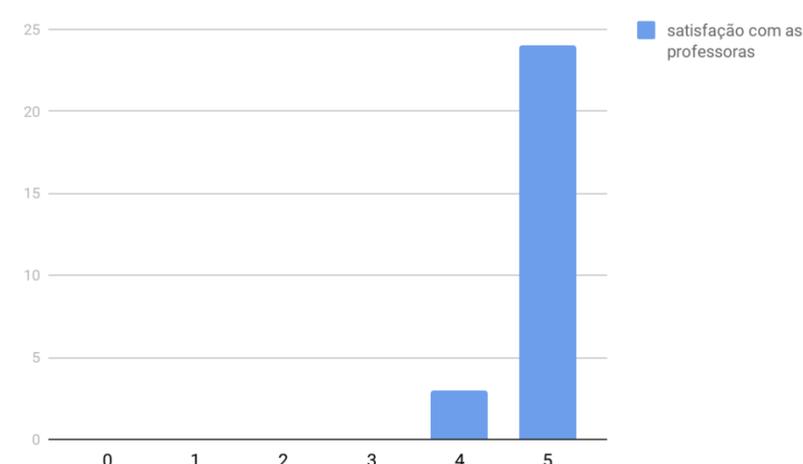


Para medir a relação dos pais com o projeto, foram aplicados questionários de monitoramento no fechamento dos primeiro e segundo semestres de 2017. Dentre as 46 famílias que estiveram inseridas no projeto, 28 responderam às avaliações durante o processo. De acordo com as respostas apresentadas pelos pais, 67,8 % declararam que a aprendizagem da criança melhorou bastante, 32,2% apontaram que melhorou um pouco e nenhum declarou que está igual ou piorou. Quanto à melhora na comunicação e aprendizagem do português, 64,2% declararam que melhorou bastante, 28,5% apontaram que melhorou um pouco, 7,2% indicou estar igual e nenhum relatou piora. Sobre a satisfação com as aulas realizadas e com as profissionais que realizaram as mesmas, numa escala de satisfação onde 0 significa insatisfeito, e 5 significa muito satisfeito, obteve-se as seguintes respostas:

Grau de satisfação com as tutorias:



Grau de satisfação com as professoras:



Quanto ao impacto que o projeto obteve no desenvolvimento escolar das crianças beneficiadas, foram aplicadas diversas formas de avaliação qualitativa e quantitativa. A primeira referência são os boletins escolares apresentados pelos pais durante o processo. Segundo os rendimentos escolares apresentados pelos pais, 85% das crianças obtiveram elevação de resultados após receberam aulas no projeto, sendo que em apenas um caso pode-se considerar uma estagnação de rendimento, no qual a criança foi reprovada. O caso segue sendo acompanhado.

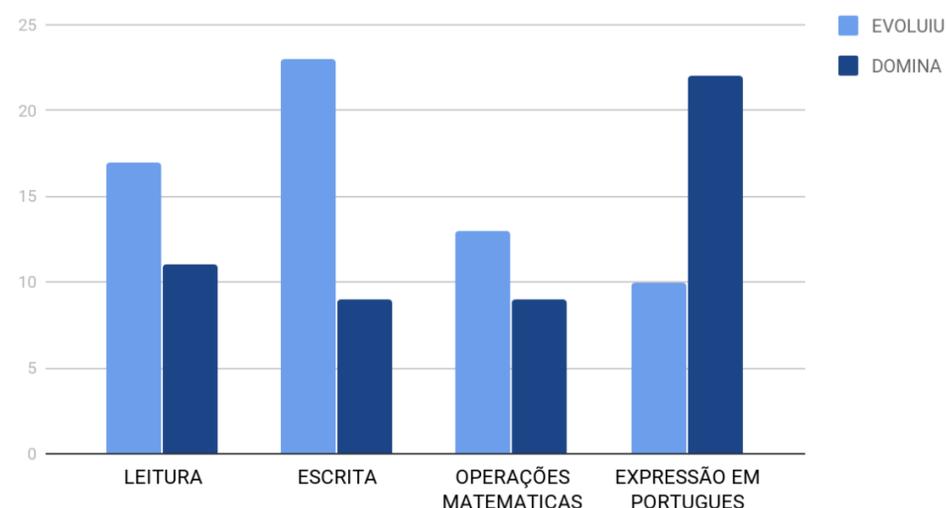
Em relação à frequência escolar, apenas uma criança, entre todas as acompanhadas, apresentou baixa frequência. As demais já frequentavam assiduamente as aulas mesmo antes de integrarem o projeto.

Além da avaliação escolar, como mencionado anteriormente, o projeto aplicou sondagens trimestrais buscando medir níveis de escrita, leitura, domínio do português e domínio das operações matemáticas. Das 76 crianças atendidas nas três modalidades, 31 estiveram vinculadas com aulas individuais e passaram por duas ou mais sondagens nas quais foi possível comparar que: 36,6 % das crianças apresentaram evolução na escrita, 60% na leitura, 20% evoluíram em seu nível de comunicação em português e 56,6% progrediram nas operações matemáticas.

É importante ressaltar que cada criança recebeu uma avaliação individual detalhada em que os progressos podem ser melhor observados, uma vez que consideram diversas situações, tais como idade, tempo de adaptação, nível do português e estágio de escrita e leitura anterior às aulas.

Para os alunos do segundo semestre, foram aplicadas sondagens tanto individuais quanto em grupo, bem como uma avaliação final da qual participaram 37 crianças que descreve o desenvolvimento de diversas competências. Dentre as destacadas estão a leitura, escrita, operações matemáticas e expressão em português, apresentando os seguintes resultados:

Avaliação final segundo semestre



Também foi aplicada uma avaliação para medir a satisfação das crianças com a aprendizagem escolar e domínio do português após frequentarem as aulas do projeto.

Relato 4

De acordo com uma mãe:

“O projeto é bom porque ajuda nas crianças para falar português e para entender as lições que eles não entendem na escola. E para educar meus filhos para melhorar o futuro deles.”

A partir da experiência de implementação do projeto piloto desde 2016, e mantendo a ideia de rede, acredita-se que somente através do estabelecimento de diálogo e parcerias entre as instituições, tanto as da sociedade civil, quanto as públicas, é que será possível desenvolver um trabalho sólido de atendimento pedagógico e integração nas escolas, pensando contextos e necessidades do público específico de crianças refugiadas e solicitantes de refúgio.

A abertura de novos espaços de diálogo entre educadores, pesquisadores, estudantes e comunidade pode contribuir muito com a expansão não apenas do

Relato 5

Aluna: “Tia! Aconteceu uma coisa que mexeu tanto comigo que eu até chorei. Pela primeira vez na minha vida eu consegui escrever e escrevi uma redação.”

projeto em si, mas também da disseminação de conteúdos e produções sobre refúgio e educação.



ESTUDO DE CASO
UMA PROVA
DE FORÇA

Em 2016, Duha³ foi reprovada no 3º ano do Ensino Fundamental. Ela havia sido alfabetizada em árabe e encontrava dificuldade com o vocabulário específico das disciplinas de ciências, geografia e história.

Durante a sondagem no âmbito do projeto Cidadãos do Mundo no início do ano seguinte, a educadora percebeu que a garota falava fluentemente o português, conseguia ler, mas tinha dificuldade em interpretar o que estava lendo. Entretanto, foi percebido que a maior limitação de Duha era a insegurança em relação aos seus pontos fortes.

“Minha cabeça fechou. Às vezes eu preciso muito dela e ela fecha. Quando eu uso ela para outras coisas, ela funciona, mas, para estudar, ela não funciona muito bem.”

Muitas vezes durante as aulas, quando a menina não conseguia realizar alguma atividade, ela ficava irritada, amassava, rabiscava e rasgava as folhas com os exercícios.

Com o passar do tempo, Duha foi aprendendo a lidar com a frustração, a se acalmar, a tentar novamente, e a superar suas dificuldades.

No segundo semestre de 2017, Duha estava com ótimas notas no boletim e muito mais confiante em relação ao seu desempenho.

No final do ano de 2017, a aluna foi muito bem nas provas finais da escola. Ela estava segura dos conteúdos.

Duha foi aprovada e agora cursa o 4º ano do Ensino Fundamental, e está entre os melhores alunos de sua classe.

Mais do que contornar adversidades pedagógicas, Duha conseguiu conquistar autoconfiança.

³ Nome fictício.



ESTUDO DE CASO
QUEBRA-CABEÇA
INCOMPLETO

Laura⁴ é uma menina congoleza, em acompanhamento pelo projeto Cidadãos do Mundo, que vem enfrentando vários problemas na escola. O pai da menina contatou a equipe da IKMR, pois os pais da escola da filha haviam acionado o Conselho Tutelar devido ao comportamento violento da criança. A família procurou, então, os serviços de assistência social e atendimento psicológico oferecidos pela organização.

Durante reunião na escola, a coordenadora do projeto testemunhou um episódio em que a menina apareceu com muitos arranhões. De acordo com o inspetor de alunos, Laura não havia sofrido nenhum tipo de violência; tratava-se apenas de uma brincadeira entre as crianças e ela havia se machucado por acaso.

A mãe da menina relatou que toda vez que crianças brasileiras agridem sua filha, a escola não toma nenhum tipo de providência. Entretanto, quando Laura agride alguma criança brasileira, a escola trata do assunto com a maior seriedade.

⁴ Nome fictício.

De acordo com a psicóloga, a hostilidade do ambiente escolar tem reforçado o comportamento agressivo de Laura.

Finalmente, articulou-se um possível atendimento psicológico realizado por parceiros da IKMR, a fim de fazer um trabalho conjunto com a escola. Ficou acordado que todo registro escrito e falado durante as tutorias ficará registrado em um caderno de acompanhamento conjunto entre a escola e o Projeto Cidadãos do Mundo.

O desconhecimento, a barreira linguística, a intolerância, discriminação e o reforço negativo marcam o cotidiano de Laura no ambiente escolar. Todavia, a psicóloga afirma que, durante as sessões de terapia, a menina se mostra doce, comportada e brinca de diversas atividades lúdicas.

A psicóloga propôs realizar um trabalho educativo na escola com foco na conscientização de professores e alunos em relação à temática do refúgio. A equipe continua acreditando em uma possível integração da criança.

ESTUDO DE CASO

VIVER É SONHAR

Há dois anos, Kito não era alfabetizado em nenhum idioma. Hoje, superou as limitações impostas pela paralisia cerebral e pela violência sofrida e aprendeu a decodificar o mundo à sua volta.

Kito⁵ entrou no projeto piloto Cidadãos do Mundo em 2016, aos 12 anos. O garoto nasceu com paralisia cerebral. No momento de ingresso no projeto, ele não estava alfabetizado, apresentava dificuldade na dicção, falava pouco e estava ainda iniciando o aprendizado da escrita do próprio nome.

Durante o ano de 2016, a equipe do projeto desenvolveu algumas estratégias para estimular o seu desenvolvimento cognitivo e psicomotor, pois a falta de estímulo até, aquele momento, talvez tivesse favorecido o quadro da criança.

A mãe relatou que, na República Democrática do Congo, ele frequentara poucos dias a escola, uma vez as professoras batiam muito nele para que aprendesse. Por conta disso, somente ao chegar ao Brasil começou a frequentar a escola.

Durante a trajetória que Kito viveu até ter acesso ao projeto Cidadãos do Mundo, muitos de seus direitos foram violados.

Ao fim de 2016, a educadora relatou que ele estava mais seguro e comunicativo.

Em 2017, Kito iniciou a leitura de palavras e leu o primeiro livro sozinho – “O macaco e a mola” (Sônia Junqueira), porém, sem compreender o que lia.

Em 2018, o garoto iniciou a escrita cursiva e, em sondagem, fez questão de escrever o nome completo em letra cursiva. Hoje ele compreende o que lê.

O acesso ao projeto Cidadãos do Mundo proporcionou a esta criança não somente o acesso à educação, mas a autonomia de decodificar o mundo em que ela está inserida, respeitando seus limites e conquistando, assim, segurança e o direito de sonhar.

Hoje o sonho de Kito é ser professor de matemática.

⁵ Nome fictício.

NÃO ME PARE AGORA

Por Johara

Johara⁶, uma adolescente de 13 anos, saiu da Síria em 2012 com sua família e viveu durante 3 anos em um campo de refugiados na Jordânia. E, em 2015, com a ajuda do programa de assistência humanitária da IKMR, chegou ao Brasil.

⁶ Nome fictício.

“Eu comecei a escrever tudo o que aconteceu comigo desde que eu nasci. Eu comecei a escrever para, quem sabe, um dia se tornar um livro.

As pessoas não sabem o que significa uma criança que não teve sua infância por causa da guerra e acabam julgando por tudo.

As coisas boas que acontecem na escola é que os professores dão reforço para as crianças que precisam, principalmente para as que pararam de estudar por causa da guerra. Todo mundo fica do seu lado, quer saber da sua vida, quer cuidar de você, quer virar seu amigo. Mas tem o bullying e o racismo. E quando a gente vê, a gente se machuca muito. Eu sofri muito bullying no ano passado, daí eu decidi parar de estudar. Aconteceu muita coisa, as pessoas queriam tirar meu véu, os meninos zoavam com a minha cara, me xingavam de ‘cabeça de bomba’ por causa do véu.

Eu não morri na guerra, mas, com essas palavras, a gente vai morrendo devagar.

Daí eu desisti de estudar. Fiquei sem estudar um ano inteiro.

Mas depois fiquei pensando que não ia deixar essas pessoas acabarem com os meus sonhos. Então eu me esforcei e comecei a estudar em uma escola integral esse ano.

Eu sofri bullying nessa escola também, mas eu não liguei. Eu decidi não ouvir ninguém porque eles querem acabar com os nossos sonhos. Eles sabem que a gente é forte, e eles acabam ficando com inveja, então eles querem acabar com os sonhos da gente.

Eu acho que o bullying pode levar até a morte, pois está agredindo a pessoa, só que de outro jeito. É uma violência. E quando uma pessoa te machuca por dentro, é mil vezes pior.

Ninguém sabe a minha história. Eles me conhecem, mas só sabem meu nome e que eu sou refugiada. Muitas coisas eles não sabem sobre mim. Eles pensam ‘você é refugiada, viu a guerra, fugiu e pronto’.[Eles não sabem como a guerra é, como é ver as pessoas mais próximas a você morrendo na sua frente. Eles não sabem nada disso.

Eles não sabem que você perde tudo o que você tinha de um dia para o outro.

Às vezes a gente fica com saudade de qualquer coisa do nosso país. O nosso país sempre vai marcar a gente, foi a primeira coisa que a gente teve e a gente vai levar para sempre.

Na escola, as crianças perguntam para mim se no meu país tinha água, se tinha celular, se tinha elefante. Ninguém sabe.

Uma vez uma mulher foi na minha escola e falou 'ah, você é daquela religião que joga bomba nas pessoas, né?'

É aquela história de não fazer para o outro o que você não quer que façam para você. O mundo dá voltas.

Eu tenho uma melhor amiga e a mãe dela me recebe como se eu fosse filha dela. Todos os dias ela me recebe em casa, eu converso com a mãe dela, durmo lá e ela dorme na minha casa.

A minha amiga tem 12 anos e parece criança; ela tem uma mente de brincar, é alegre. Eu acho que estou conseguindo viver minha infância agora, com ela. Isso me faz muito feliz. A infância que eu não tive na Síria e na Jordânia, eu estou tendo aqui, com ela.

As pessoas precisam entender o que é um refugiado, porque às vezes a pessoa sai de uma guerra e entra em outra guerra. Você fica com medo de tudo, acha que ninguém te quer bem. Você dá valor para uma pessoa, acha que ela vai te dar valor, mas ela te julga. As pessoas só estão agindo assim porque não sabem sobre a vida, não sabem o que é uma guerra.

Daí eu falei com a diretora que eu decidi que, quando eu acabar meu diário, eu queria ler uma página para a escola inteira. E eu quero um dia ser jornalista para mostrar para as pessoas o que realmente acontece no mundo.”.

DEIXE A VERDADE DOER

Por Vivianne Reis

A criança refugiada vive entre dois mundos. Um devastado e outro que a rejeita. Crianças que precisam de refúgio continuam a morrer no mar, em campos minados, em bombardeios. São mutiladas, torturadas, escravizadas, recrutadas, são enterradas vivas. Milhares permanecem em zonas de combate ou isoladas em áreas onde nem a ajuda humanitária consegue chegar. Precisam de proteção e estão sendo levadas ao limite da sobrevivência. Sem socorro elas podem nunca se recuperar de tantas perdas, traumas e medo.

Até quando seremos capazes de ignorar que a violência e o sofrimento vivido por elas, está moldando o nosso futuro? É inadmissível que se invente um critério de seleção por nacionalidade, quando se trata de salvar a vida de alguém.

Território não me define. Eu não sou um cercado de chão. Sou um ser humano. Isto me define. E por isso tudo que acontece a um ser humano onde quer que ele esteja, também me acontece. E por isso esses discursos de ódio que nada mais

são que estratégias usadas para que crianças que sofrem em outras partes do mundo também não recebam o cuidado que tanto precisam, não funcionam comigo. Na verdade, não funcionam com muita gente!

Sempre que chega uma criança até a IKMR, sou tomada por um profundo sentimento de esperança. Se ela não perdeu a sua vida, pode ser que a gente não perca a nossa alma... penso que a nossa negligência mata mais que qualquer guerra.

Mas tentar sobreviver aqui neste país muitas vezes exige mais do que essas crianças têm pra dar, principalmente quando se trata do universo escolar, o que faz com que este projeto de educação seja fundamental para que essa integração seja tratada em sua dimensão humana. Como é de se imaginar, a grande maioria de nossas escolas não está preparada para recebê-las em sua complexidade e este acaba sendo o local onde elas estão mais fragilizadas, justamente por ser onde elas ficam completamente sozinhas.

Sem qualquer referência que lhes seja familiar. Nenhum elemento do seu universo está presente: idioma, cultura, costumes, conceitos, alimentação, vestimenta... está por conta própria, muitas vezes em um ambiente despreparado, hostil, e quantas vezes cruel. Um mundo novo que ao mesmo tempo que lhe oferece acesso, não lhe oferece possibilidade. De ser. De pertencer. De construir.

E como está fora do nosso alcance imediato reverter este cenário, nossa contribuição é tentar fortalecê-las para que não se abalem, para que não desmoronem. Mais do que isso, para que triunfem!

Na maioria dos casos essa tem sido a oportunidade que elas precisam para perseverar e conseguir se reencontrar. Essas crianças resistem. Lutam. Não se entregam. Esses pequenos só precisam de uma oportunidade.



*“Um menino caminha e caminhando chega no muro,
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está.
E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar.
Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá.
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar.
Vamos todos numa linda passarela
De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.”*

(Aquarela – Toquinho)

ENVOLVA-SE

Quanto mais pessoas se envolverem,
Maior será o nosso impacto na realidade dessas
crianças.

Sua colaboração pode ser uma fonte de crescentes
transformações.

Para mais informações:
contato@ikmr.org



AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradecemos à Mariana Moreira Alves, idealizadora do Cidadãs do Mundo, que esteve presente durante à implementação do projeto piloto, e foi fundamental para consolidação deste trabalho. Às educadoras que aceitaram o desafio de atuar nessa atividade pioneira, transformando a realidade de todas as crianças que já tiveram a oportunidade de receber esse acompanhamento: Ana Carolina Prado Alonso, Bruna do Carmo de Oliveira, Kathy Ribeiro Asarias Pimentel e Marcella da Silva Eiras.

Agradecemos também a todas as voluntárias, escolas, instituições parceiras e principalmente às famílias, por nos confiar essa missão.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Global Trends: Forced Displacement in 2017**. UN High Commissioner for Refugees (UNHCR), 2018.

ACNUR. **Left Behind – Refugee Education in Crisis**, 2017. UN High Commissioner for Refugees (UNHCR), 2017.

CONARE. **Refúgio em números – 3a edição**. Secretaria Nacional de Justiça, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E PESQUISA. **Censo da Educação Básica**, 2017. Ministério da Educação: Brasil, 2017.

OBMigra - Ministério do Trabalho. Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP-Fapesp/CNPq.

TORRES, H. da G. et al. Educação na periferia de São Paulo: como pensar as desigualdades educacionais? In: RIBEIRO, L. C. de Q.; KAZTMAN, R. (Orgs.). **A cidade contra a escola? Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital, FAPERJ; Montevideu: IPPES, 2008. p. 59 - 90.

AUTORA

Marília Calegari

FOTOS

“Saber é poder” – foto retirada do projeto “Vidas Refugiadas”

“Festa das Nações” – foto do acervo da Graded School

Capa e demais fotos – Marília Calegari



2018